

Da paisagem à paisagem linguística como património ou da prática à teoria: para uma tipologia da paisagem linguística

From landscape to linguistic landscape as heritage or from practice to theory: for a typology of linguistic landscape

Helena Rebelo*

RESUMO

A paisagem tem sido alvo de estudo em diversas disciplinas. No âmbito da Linguística, tem aparecido a chamada “paisagem linguística”, que tem sido analisada sob diversos ângulos, incluindo uma abordagem interdisciplinar. É um assunto que também importa ao Património Linguístico, a vários níveis. Impõe-se responder às questões: Até que ponto será linguística a paisagem? Vê-se apenas ou lê-se, a paisagem? Vai-se realizando investigação sobre o assunto. Indo da prática à teoria, tem-se observado que existem vários níveis, isto é, degraus, a considerar para estabelecer uma tipologia da Paisagem Linguística. Assim, parte-se da paisagem em si, sem qualquer marca linguística, passando por aquelas que ganham um ou mais sinais esporádicos ou permanentes, em número reduzido e contável ou incontável por se multiplicarem.

Palavras-chave: Paisagem Linguística. Património Linguístico. Prática. Teoria. Tipologia da Paisagem Linguística.

Recebido em 16 de abril de 2020.

Aceito em 24 de junho de 2020.

DOI: <http://dx.doi.org/10.18364/rc.v1i60.395>

*Universidade da Madeira, helenreb@uma.pt, orcid.org/0000-0002-8345-9436

ABSTRACT

The landscape has been studied in several disciplines. In the field of Linguistics, the so-called “linguistic landscape” has appeared, which has been analysed from various angles, including an interdisciplinary approach. It is a subject that also matters to the Linguistic Patrimony at various levels. The questions need to be answered: To what extent will the landscape be linguistic? Do you see only or read the landscape too? Investigations are underway on the matter. Going from practice to theory, it has been observed that there are several levels, that is, steps, to be considered to establish a typology of the Linguistic Landscape. Thus, one starts from the landscape itself, without any linguistic mark, passing through those that gain sporadic or permanent signs, in a small and countable number or countless because they multiply.

Keywords: Linguistic Landscape. Linguistic Patrimony. Practice. Theory. Typology of the Linguistic Landscape.

1. Investigação em torno do conceito de “paisagem linguística”: a prática

No campo dos Estudos Linguísticos, aplicados estes aos Estudos Regionais e Locais, mais propriamente à área específica do Património Linguístico, sobretudo madeirense, tem-se procurado desenvolver investigação e reflexão sobre “paisagem linguística”, isto é, o conceito em si e as suas manifestações. Vários são os autores que fazem caminho semelhante para compreender melhor o que é a “paisagem linguística” (cf., por exemplo, Backhaus, 2006; Blommaert, 2012; Coulmas, 2009; Gorter, 2013; Landry & Bourhis, 1997; Torkington, 2008), havendo quem opte, claramente, por uma abordagem interdisciplinar (para dar apenas um exemplo: Teis, Seide & Lucas, 2018). Pessoalmente, é também o plano que se vai assumido, por se considerar imprescindível, uma visão interdisciplinar, congregando estudos sobre a Paisagem e estudos de Linguística, com, a título exemplificativo, o contributo do próprio Património Linguístico (Rebelo, 2014, através da questão linguística, geográfica e administrativa da diferença madeirense entre “freguesia”, “sítio” e “lugar”) e do Turismo (Rebelo, 2017, para a reflexão sobre as descrições paisagísticas da documentação turística) ou

da Literatura (Rebelo, 2020, um artigo dedicado à descrição das paisagens madeirenses por Raul Brandão, um reputado escritor português nortenho, que importa considerar).

Nesse sentido, desenvolvem-se diversas experiências práticas para compreender a amplitude do fenómeno da “paisagem linguística”, essencialmente para a do Arquipélago da Madeira, mas não só. As ilhas arquipelágicas (*vide*, por exemplo, o caso de Malta, estudado por Godfrey Baldacchino), que são locais geograficamente muito bem circunscritos, interessam, sobremaneira, à pesquisa que se está a intensificar, mas outros casos, como o de Aveiro (Clemente, 2017 e 2019), também são relevantes. Assim, a observação da Paisagem recai sobre todos os territórios que se conhecem, sejam eles locais ou regionais, uma vez que um olhar de dentro (o do indivíduo local, para o qual se destaca o do ilhéu madeirense,) e um olhar de fora (o do turista ou do estrangeiro) raramente são coincidentes. Será importante realçar que os olhares dos turistas vistos no seu conjunto também poderão não ser coincidentes, já que os dos ilhéus também não o são. Aliás, é o que se tem comprovado nos exercícios práticos que se têm desenvolvido: a paisagem observada é, num momento preciso, a mesma, mas os olhares que se lançam sobre ela nem sempre convergem. A confluência acontece unicamente em descrições paisagísticas pré-fabricadas para “turista ver”, como as dos guias turísticos que, muitas vezes, repetem os pontos a visitar e o que se pode observar.

Numa das experiências realizadas (e que prossegue), pretendia-se investigar o uso da linguagem verbal nas construções linguísticas da paisagem concebidas por falantes comuns, com idades distintas, nomeadamente linguagem infantil vs. linguagem adulta. Seriam dois os descritores ilhéus de uma paisagem que lhes fosse familiar: uma criança e um adulto. Queria comprovar-se que estas construções linguísticas espontâneas sobre paisagens – mesmo de territórios conhecidos dos falantes – se distanciam em larga medida das descrições paisagísticas elaboradas por agências de publicidade para o Turismo. A experiência implicava três fases e foi concretizada pelo

intermédio de estudantes universitários. Numa fase preparatória, eles tinham de escolher uma paisagem, uma criança e um adulto. Deviam munir-se de um equipamento de gravação áudio, previamente testado, preparar materiais de desenho/ pintura para que a criança representasse a paisagem e um instrumento fotográfico destinado a captar a paisagem. Num segundo momento, iriam posicionar-se para que, à vez, e sem ser ouvido pelo outro interveniente, tanto a criança como o adulto observassem e descrevessem o cenário, gravando a descrição de cada um dos falantes, sem, portanto, que o outro ouvisse e sem o pesquisador interferir no discurso do falante gravado, salvo se fosse realmente indispensável para que não houvesse silêncios excessivamente longos. Testavam-se duas hipóteses: A) a linguagem usada pela criança deverá ser muito mais limitada do que a do adulto, inclusive se forem da mesma família, e B) as descrições paisagísticas individuais irão distanciar-se de qualquer descrição turística oficial. Metodologicamente, eram ambas as intervenções gravadas *in loco*, sem qualquer prévia preparação dos falantes, que sabiam, no entanto, ao que iam. Na derradeira fase, passava-se à audição repetida da gravação, para posterior transcrição do discurso pelo estudante-pesquisador, que devia desenvolver uma reflexão sobre a experiência e os resultados obtidos. Os dois textos daí resultantes vinham acompanhados do desenho do cenário que a criança visionou e de uma fotografia da paisagem observada, descrita, gravada e transcrita, sem material de estudo.

A hipótese A) colocada nem sempre se tem verificado (a linguagem verbal dos dois descritores, devido ao parâmetro “idade”, não implicou, claramente, menor/ maior domínio linguístico). Deveria ser diferente a produção textual da criança e a do adulto, mas isso nem sempre se comprova porque é indispensável ter em conta um outro parâmetro, além de mais alguns, o da escolarização. Em contrapartida, a B) tem sido comprovada: o discurso oral espontâneo (as descrições paisagísticas solicitadas na experiência) e o discurso escrito pré-elaborado (as descrições turísticas dos guias e de outra documentação do género) divergem substancialmente, situando-se, como seria de esperar, nos antípodas: menos elaborada aquela e muito mais construída esta.

No caso ilustrativo que se apresenta para a baía da localidade de Câmara de Lobos, na ilha da Madeira, paisagem humana e marítima tornada célebre por Winston Churchill e pela fotografia que o imortalizou a pintá-la (cf. Anexo 1: a, b, c e d), os dois informantes acentuam o seu posicionamento, centrando-se em si próprios, e não na paisagem. Para eles, ela não vale por si mesma, mas corresponde apenas ao que é visto por cada um (uso de “vejo” e de outras formas do verbo “ver”, inclusive em expressões idiomáticas assinaladas com [?] como para “deixa-me cá ver...”). A repetição da forma verbal “vejo” (cf. **negritos** adicionados aos textos dos anexos 1 e 2 - adulto: 16 ocorrências – uma pela negativa, ou seja, “não vejo” – em um pouco mais de 33 linhas de transcrição/ criança: 12 ocorrências em 14 linhas de transcrição) remete para o falante (descrições paisagísticas individuais) e não para a paisagem (a opção pela paisagem surge nas descrições paisagísticas turísticas: aí, a paisagem é dada a ver, ou melhor, a antever, já que o leitor do guia, em princípio, não a conhece porque ainda não a viu). O reduzido domínio linguístico tanto do adulto como da criança evidencia-se por ocorrer, unicamente, esse verbo e nenhum sinónimo, mas ambos realçam o que visionam e interpretam a paisagem (pelas palavras do texto, a criança vê mais do que alcança e, pelas do adulto, fica-se com a ideia de que a paisagem visionada não lhe é familiar, embora o seja porque é residente naquela localidade). Dizem, os dois, o que pensam ao ver e o que estão a sentir. Concorde-se, pois, com Teis, Seide & Lucas (2018, 22), que:

À primeira vista, a paisagem pode ser definida como tudo aquilo que o olhar abrange, o conjunto de imagens que um indivíduo capta e decodifica com o seu olhar. Contudo, não há nada de neutro, objetivo ou passivo nesta análise da realidade semiótica circundante. A paisagem é, nessa perspectiva, resultado da percepção subjetiva de quem a vê.

Comprova-se, nesta experiência, neste exercício linguístico prático, que a paisagem descrita – pelo adulto e pela criança – não assume integralmente

os mesmos contornos. O que é visto, olhado, contemplado e observado por um é, no geral, considerando, embora, que passaram alguns minutos, o mesmo que pelo outro, mas o modo como convertem o que visionaram em linguagem verbal varia, como é lógico, havendo, no entanto, algo em comum. Porém, o reduzido vocabulário, já comprovado pelo uso exclusivo de “ver”, também se encontra patente a nível de qualificativos nos dois discursos (contrariamente a Raul Brandão na descrição das paisagens madeirenses ou aos guias turísticos). Todavia, o movimento do olhar (cf. advérbios de lugar e locuções adverbiais) foi uma constante para ambos os descritores. Aliás, nas recolhas já realizadas para esta experiência, a descrição da paisagem natural (campestre, marítima, montanhosa, etc.) ou urbana, que um adulto e uma criança estavam a ver – gravados em formato áudio –, quando transcrita, apresenta-se num texto repetitivo, com um reduzido vocabulário e muitas marcas do registo oral. Isso é lógico porque se trata de um texto espontâneo. Por definição, este tipo textual e discursivo é constituído por frases inacabadas, bastante incompletas, entre outras particularidades. Contudo, apesar da espontaneidade que se esperaria, os dois informantes (e não apenas a criança) revelam um reduzido domínio do vocabulário da Língua Portuguesa.

Quando o estudante-pesquisador-transcritor reouve as gravações para as verter para a escrita, tem evidenciado que o resultado permite alargar a reflexão em torno do uso da linguagem quer infantil, quer de adultos. Simultaneamente, o resultado patente nas transcrições possibilita compreender que, pelas descrições paisagísticas destes falantes comuns, não se consegue identificar a paisagem que as originou, se não forem mencionados topónimos ou não houver outras localizações geográficas como gentílicos. Acontece, inclusive, de igual modo com paisagens muito conhecidas, uma vez que a paisagem representada pela linguagem verbal não permite a sua identificação, se não vier localizada ou se não houver identificadores específicos (ex.: Tour Eiffel -> Paris) que, por vezes, têm de ser particularizados (ex.: Cristo Rei da Madeira – o mais antigo –, de Lisboa ou do Rio de Janeiro?). Isso não acontece com as descrições paisagísticas que se encontram em guias turísticos

porque têm uma linguagem muito rebuscada e tópicos comuns, permitindo reconhecer imediatamente a paisagem (Rebelo, 2017), já que, no fundo, esta é transportada para o domínio do Património Edificado (ex.: Universidade de Coimbra) ou do Património Natural (ex.: a Laurissilva da Madeira). Deste modo, comprovadamente, observa-se que a paisagem em si pode ser património e a representação desta também o pode ser, nomeadamente as fotografias ou as pinturas (ex.: são património artístico as pinturas de Étretat de Claude Monet, que tornou célebre a paisagem marítima dos penhascos normandos, incluindo a falésia com o formato de elefante). As representações textuais da paisagem também podem alcançar essa dimensão. A associação da cidade do Funchal vista do mar a um “anfiteatro” tornou-se recorrente, quando se consultam descrições paisagísticas da cidade. Sucede o mesmo com Alenquer, perto de Lisboa, que se vai intitulado de “vila presépio”, pela altura da época natalícia. Estas generalizações descritivas, por serem muito recorrentes, tornam-se bens patrimoniais e deixam de variar a nível individual porque todos passam a ver a paisagem sob o mesmo prisma, deixando de a analisar, de a interpretar ou de filtrar o que é visto. O olhar de quem vê pela primeira vez (como o turista) fica condicionado ao que os outros viram e descreveram, escrevendo sobre a paisagem, se leu a descrição paisagística, antes de a contemplar ao vivo, pessoalmente.

2. Ver a paisagem e ler a/na paisagem: da prática à teoria

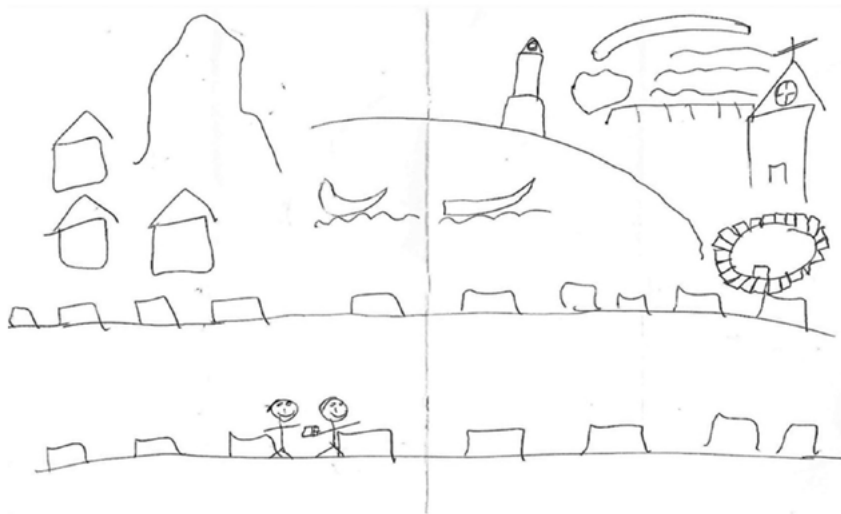
A criança e o adulto da prática experimental *supra* mencionada viram (“vejo”) a paisagem marítima da baía de Câmara de Lobos (Madeira) e descreveram-na. Transportam-na para as palavras: um modo de representação, entre vários outros. Aliás, por definição, a paisagem física corresponde à envolvência panorâmica que se pode ver e representar. Fotografar (cf. Fotografia 1) cristaliza a paisagem, isto é, uma parte dela.



Fotografia 1. Baía de Câmara de Lobos vista do Pico da Torre

Fotografia cedida por José Valter de Jesus, 2017

Se bem que fixa, fisicamente, aceita alterações (os carros que passam na cidade, o movimento da folhagem motivado pelo vento, o colorido do céu ao longo de um dia, a maior ou menor intensidade da luminosidade, etc.). Desenhar (cf. Desenho 1) altera-a em grande medida, a não ser que o realismo seja tão forte que a reproduza em grande parte.



Desenho 1. Baía de Câmara de Lobos vista do Pico da Torre por uma criança de 11 anos

Desenho cedido por José Valter de Jesus, 2017

A posição do indivíduo que visiona é muito importante, já que basta andar um passo ou para a direita ou para a esquerda do ponto estabelecido, basta virar a cabeça para um lado ou para o outro, assim como para trás, e a paisagem muda. Deixa de ser a mesma porque o ponto de vista (o ponto de onde se avista) também se alterou. Isso sabe-o qualquer pintor, desenhador ou fotógrafo. Aliás, numa máquina fotográfica, assim como num computador (cf. as instruções de uma impressora para reproduzir um documento em Word), o modo “paisagem” representa a dispersão do conteúdo num plano horizontal e surge por oposição ao “retrato” que é vertical. Nesse modo “paisagem”, há uma extensão da visão porque se vislumbra mais, abarcando um ângulo de 180°. O cinema também trabalha com planos e o que remete para a paisagem abarca sempre mais do que os outros. Muitas vezes, fala-se em “visão panorâmica”, que se pode ter de pontos estratégicos como miradouros. Aí, os olhos captam uma imagem geral do cenário. Vê-se ao longe, o que é completamente distinto

do que é observado ao perto ou visto de perto como com binóculos. Há, assim, aparelhos que permitem a concentração do olhar em determinado elemento, deixando de dar a noção do todo, ou seja, da paisagem.

Ora, num espaço ao ar livre, quem fizer o exercício de olhar à sua volta, ou melhor, à sua frente, verifica que o que é visto na globalidade é não verbal e, por isso, a paisagem seja ela natural ou humanizada não é, por definição, linguística. Destacam-se cores e formas, mas é difícil precisar os pormenores (como letras, por exemplo). É a aproximação do olhar que vai possibilitar capturar a existência de texto na paisagem e, apenas nessa situação, a paisagem passa a ser linguística: comporta linguagem verbal que se pode descodificar porque se vê e se lê. Então, regra geral, a “paisagem linguística” surgirá essencialmente em situações de visionamento por proximidade. Aliás, a linguagem verbal na paisagem cumpre, normalmente, uma função informativa (ex.: placas sinaléticas), além de identitária (ex.: topónimos) e, por isso, precisa de ser lida, depois de ser vista. Portanto, ver a paisagem não é igual a ler a paisagem (interpretá-la) ou ler texto inserido na paisagem (a paisagem visual com dados linguísticos).

De modo que uma paisagem sem referências específicas ou marcas linguísticas a identificá-la não é facilmente reconhecível, se não tiver algo que a individualize. Por exemplo, nos vídeos promocionais de automóveis (cf. o programa televisivo “Mundo Automóvel” do Grupo Rádio e Televisão Portuguesas – RTP), em que o carro surge numa estrada em paisagens idílicas (planícies, serras, campos, etc.), ninguém reconhece os locais ou o país por onde o carro deambula. Se não houver uma placa a identificar a localidade ou uma legenda a situar o território, a paisagem não é identificável. Assim, a publicidade revela que aquele veículo é uma boa escolha para qualquer condutor, seja ele de que país for.

É também esta ausência de identificação que permite a um realizador escolher filmar num determinado país para representar um outro e são inúmeros os casos (cf., por exemplo, documentário sobre as filmagens de “O Nosso Cônsul em Havana”, série dedicada a Eça de Queirós da RTP1),

querendo representar Cuba ou a China, algumas filmagens decorreram em Portugal, em cenários do interior português). Ver a paisagem, excluindo todas as palavras, toda a vertente linguística, não permite reconhecê-la. Se ela não comportar elementos diferenciadores, não se identifica. Pense-se nas duas lagoas das Sete Cidades, na ilha açoriana de S. Miguel. Não é preciso haver uma placa para se saber onde se está: isto, evidentemente, se já se tiver ouvido falar delas ou visto imagens. Pelo contrário, muitas praias da orla marítima portuguesa, se não forem identificadas com texto, podem corresponder a qualquer paisagem marítima, inclusive fora de Portugal. Outro exemplo que evidencia esta ideia é o das fotografias que determinadas marcas de computador fazem surgir nos ecrãs, quando a máquina fica em “stand by”. De onde é esta paisagem? É a dúvida que assalta qualquer utilizador, sendo observador, já que alteram as fotografias, renovadas automaticamente, quando o computador está ligado à Internet.

Assim, ver uma paisagem sem qualquer elemento linguístico pode ser limitador, redutor, já que falta a palavra para lhe acrescentar valor, embora a contemplação da paisagem elimine a palavra e permita uma fruição interior que se situa ao nível da meditação pura, em que o pensamento verbal é apagado. As paisagens com linguagem verbal possibilitam uma leitura do cenário porque, à partida, há nelas elementos para ver, mas também para ler no sentido literal do termo: decifrar as letras. Isso é distinto de “ler a paisagem”, que se traduz na descrição da paisagem ou na sua interpretação. Quando aparecem nuvens cinzentas, surgindo um bando de pássaros a voar, sabe-se que vai chover. São sinais disso, o que interessa à Semiologia. As cores de uma aurora e as de um pôr-do-sol não são coincidentes. As flores nas árvores indicam o tempo primaveril e a queda das folhas um outonal. A paisagem comporta informação não verbal e, quando se lhe junta texto, àquela informação, adiciona-se-lhe a verbal que amplia a leitura. A expressão “ler a paisagem” ganha um sentido literal (correspondendo a paisagem linguística), ultrapassando, mas incluindo também, o de “interpretar a paisagem” – abordagem semiológica. No extremo, lê-se a paisagem unicamente quando

se está perante uma descrição paisagística porque é apenas nesse caso que a representação é dada pela linguagem verbal, normalmente a escrita (cf. Anexos 1 e 2: a escrita reproduz a descrição feita oralmente). Em suma, a paisagem vê-se (mesmo se precisa igualmente de ser lida, ou seja, interpretada) e a paisagem linguística lê-se (embora também necessite de ser vista). Entre uma e a outra, a distância é grande, assim como sucede nos diversos tipos de paisagem linguística que podem ser considerados. As experiências práticas sobre Paisagem Linguística têm-se revelado proficuas para o desenvolvimento da reflexão teórica sobre o assunto.

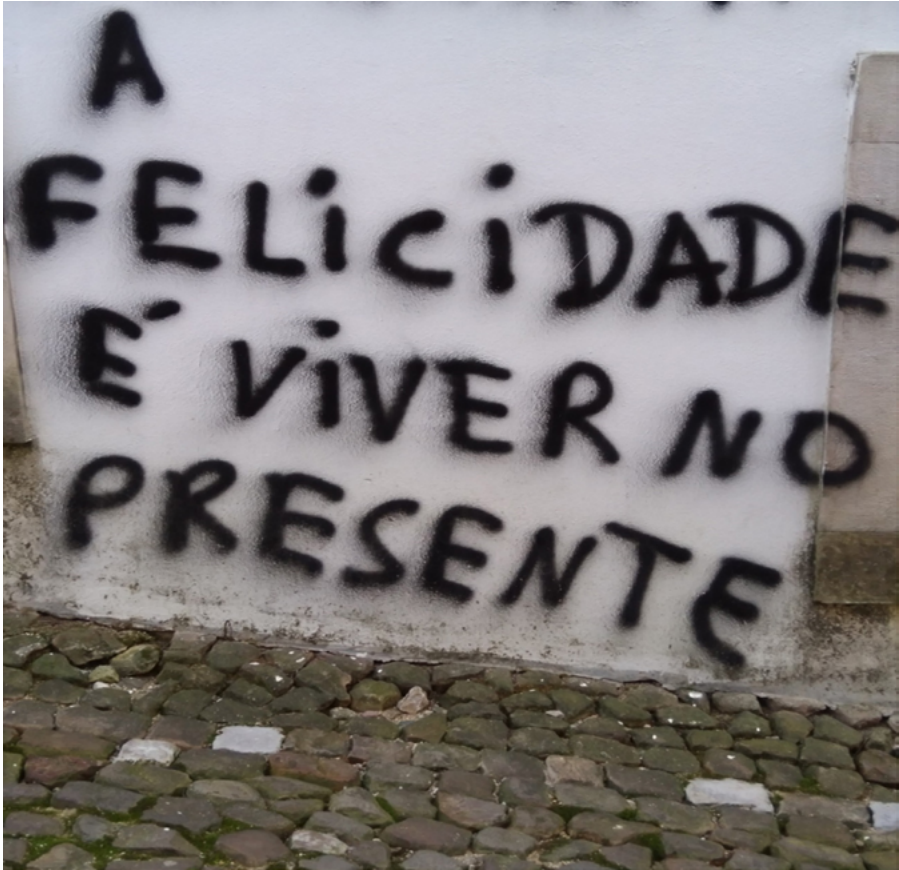
3. Tipologia classificatória das paisagens linguísticas: a teoria

Pelo que ficou explicitado, defende-se que, por regra, uma “paisagem” não é linguística. Di-lo-á qualquer dicionário na entrada que tiver para o conceito. Sendo um elemento essencialmente visual, vê-se; contempla-se; observa-se. No fundo, é um cenário que requer o sentido da visão (daí o uso recorrente de “vejo” nos anexos 1 e 2). Este será o primeiro dos sentidos envolvidos, embora possam estar outros implicados como o olfacto ou a audição, em que a sinestesia permite ter essa confluência. As descrições paisagísticas literárias vivem deste e de outros recursos estilísticos, o que é amplamente sabido.

Então, o que significa a noção de “paisagem linguística” que tem vindo a despertar interesse, sobretudo no quadro da investigação na área da Linguística? A paisagem linguística implica que o cenário, ou seja, o que os olhos estão a visionar, o que está à frente de quem olha, comporte uma (ou mais) representação simbólica que seja claramente linguagem verbal. Portanto, a paisagem linguística é/ foi, de algum modo, humanizada. Alguém passou por ali e deixou uma marca escrita. Quem passar por ela reencontrará essa marca verbal sujeita à descodificação. Pode haver uma marca ou podem ser múltiplas. As modalidades variam. Estas marcas podem ser diminutos

sinais (ex.: uma placa com um topónimo à entrada/ saída de um pequeno povoado isolado ou de uma aldeia maior), que mal se vislumbram à distância, e podem, por vezes, ter um elevado número sobreposto que pode constituir a própria paisagem (ex.: os “néons” de uma rua citadina com placas colocadas umas sobre as outras a indicar hospitais, museus, monumentos, etc.). Pode acontecer que placas sobrepostas ou outros elementos linguísticos ocupem apenas uma pequena parte da paisagem (ex.: “graffiti” ocasionais em paredes) e não a paisagem toda.

Consequentemente, é possível falar em graus relativamente ao elemento linguístico na paisagem, indo de uns diminutos signos, que não se vislumbram à distância, a um elevado número, que pode corresponder à própria paisagem ou, num grau inferior, ocupar parte da dela. O último grau será o das “descrições paisagísticas” porque o território é aí “dado a ver” através da linguagem verbal, através da leitura e da descodificação. Unicamente nestes casos, a paisagem é feita de palavras e não de representação visual. A fim de caracterizar, sumariamente, os diferentes tipos existentes a considerar, pelas marcas linguísticas que a paisagem física contém, listam-se. A classificação que se apresenta não esgota, decerto, os vários géneros de paisagem linguística (a paisagem física à qual foi adicionada linguagem verbal e a descrição paisagística). Pretende-se dar deles uma visão geral. Poder-se-ia estender a tipologia ao género de cenário (natural, rural, urbano, etc.) que constitui o pano de fundo da paisagem linguística, mas não se aprofunda esta parte. Ainda seria viável acrescentar outros parâmetros, como fazer variar os tipos de paisagem linguística em função das entidades que os sustentam ou os promovem, nomeadamente se têm um cariz oficial (as marcas linguísticas foram determinadas por instituições estatais, municipais, isto é, reconhecidas e legitimadas) ou não oficial (as marcas foram emitidas por indivíduos ou grupos de indivíduos não legitimados, como os “graffiti” fortuitos com texto: *vide* fotografia 2).



Fotografia 2. Frase pintada sem autorização

Da autora: Inscrição que se apresenta como não tendo sido autorizada, mas figura na parede de uma casa da Alta de Coimbra, 2018.

De momento, esta enumeração visa exclusivamente expor os tipos de paisagem linguística mais evidentes. Ilustra-se cada um com exemplos colhidos em diversos locais e que qualquer pessoa facilmente reconhece ou localiza. Como ficou explícito, vai-se do grau mínimo (cf. alínea **a**) abaixo): a paisagem não linguística permanente) ao grau máximo (cf. alínea **g**) na sequência listada) paisagem integralmente linguística, ou seja, a descrição paisagística).

a) Paisagem não linguística permanente

É a genuína paisagem, dita física, em que não se regista qualquer marca de linguagem verbal. É aquela que pintam ou desenharam os artistas plásticos, quando levam o cavalete, o bloco de folhas de desenho ou qualquer suporte que aceite a sua produção artística, em função do que contemplam: o céu, o mar, a montanha, a floresta, o rio, as flores, etc. Nessas representações pictóricas paisagísticas, nos quadros ou nos desenhos, pode haver uma legenda e uma assinatura ou outra unidade linguística qualquer, mas, muitas vezes, até vão no verso ou na própria estrutura do enquadramento porque a paisagem não tinha qualquer elemento linguístico. Este tipo não comporta palavras. É o cenário real; aquele que a vista alcança com cores e formas distintas. Através dele, comprova-se que a paisagem, por excelência, é não linguística. Se, por qualquer motivo, se lhe adicionar alguma linguagem verbal, deixa, evidentemente, de ser uma paisagem não linguística permanente.

b) Paisagem não linguística com marca(s) linguística(s) esporádica(s)

Se a uma paisagem não linguística permanente, consideravelmente estável, se acrescentam elementos linguísticos num certo período, ganha, assim, pontualmente, marca(s) linguística(s). Os exemplos são múltiplos. Veja-se o que acontece em altura de campanhas eleitorais com os cartazes que vão ocupando espaços destinados, ou não, às campanhas políticas. Lembre-se o que ocorre nas provas de atletismo muito na moda (“trail”, “ultratrail”, etc.) com avisos e indicações colocados em muros ou em troncos de árvores, multiplicando-se faixas publicitárias de patrocinadores, ao longo do percurso. Isto também se verifica em certas localidades (ex.: Santa Clara, em Coimbra), com as participações de defuntos, em que surge um retrato, ou nas das missas do sétimo dia, divulgadas em folhas A4 a preto e branco, afixadas, esporadicamente, em lugares públicos. São visíveis ao longe, embora

o texto da participação apenas se possa ler ao perto. Recorda-se, igualmente, as avionetas que transportam faixas compridas com texto publicitário e passam por cima dos céus das praias, em plena época estival. Em todos estes casos, e noutros semelhantes, a paisagem em si não comporta marcas linguísticas. No entanto, ocasionalmente, é-lhe, por um certo momento, adicionado um elemento linguístico que, todavia, não altera a essência da paisagem porque ela volta, em princípio, ao seu estado normal de não linguística passado pouco tempo. Será uma paisagem linguística ocasional, ou seja, uma paisagem não linguística com marca(s) linguística(s) esporádica(s) ou momentânea(s).

c) Paisagem com uma marca linguística permanente

A paisagem física pode ser identificada com uma marca linguística que é constante. Este tipo de paisagem aparece, normalmente, à frente de quem conduz e chega a determinada localidade, vendo um topónimo a indicar o nome da povoação aí situada. Há ali, exclusivamente, uma unidade linguística que permite identificar a paisagem, dando-lhe um nome próprio. Isso pode acontecer também com uma inscrição adicionada por alguém, quer por razões oficiais, quer por motivos profissionais. Quem não se recordará da marca “Licor Beirão” pintada em troncos de árvores em estradas nacionais portuguesas a publicitar a bebida originária da Lousã, no Centro de Portugal? A marca da bebida licorosa assinalava a estrada e era o único texto que se podia ler. Se não fossem apagadas, aquelas palavras constituiriam uma marca linguística permanente em paisagens com estradas, por onde circulavam mais ou menos viaturas.

d) Paisagem com várias marcas linguísticas contáveis e permanentes

Há paisagens com várias marcas linguísticas, podendo estas ser contadas e estarem ali permanentemente. Estes casos encontram-se, sobretudo,

em cruzamentos ou entroncamentos em que placas com os topónimos das redondezas são colocadas lado a lado ou umas acima/ abaixo das outras para que os condutores de automóveis se orientem. As marcas também podem ser de outro género e constituir um breve texto. Por exemplo, à entrada da cidade portuguesa da Guarda, há cerca de uma dezena de anos, existia (não se sabe se se mantém) uma placa com uma indicação para a identificação da cidade mais alta de Portugal com três “f”: “farta”, “fria” e “formosa”. Muitas vezes, em tom de brincadeira, alguns forasteiros transformam o último em “feia”). Este tipo de paisagem também se regista em ruas das cidades, por exemplo, em lojas, restaurantes, cabeleireiros ou outro tipo de comércio, que, além do nome, adicionam outra informação linguística que sinaliza a paisagem, nomeadamente particularidades dessas lojas. Também é possível registar linguagem verbal e linguagem não verbal, associadas. Em Coimbra, em frente à Sé Velha, está uma casa por onde o cantor Zeca Afonso passou e foi colocada uma placa comemorativa que marca, linguística e pictoricamente, a paisagem, visto que, além do texto, está um retrato do rosto do cantor.

e) Paisagem com várias marcas linguísticas incontáveis e permanentes

As paisagens excessivamente urbanizadas comportam múltiplas marcas linguísticas: nomes de restaurantes, cafés, bares, lojas, etc. com estampadas ementas coloridas afixadas ou tabuletas escritas a giz, colocadas nas ruas. A todo estes textos praticamente sobrepostos como um quebra-cabeça ou um puzzle que é preciso descodificar devidamente, juntam-se avisos, publicidades, “graffiti”, etc. Por exemplo, quem passear pelo centro da cidade de Macau à noite fica a olhar para os nomes dos hotéis, das lojas, dos restaurantes e de outros estabelecimentos com informação linguística dificilmente contável, sobretudo, num primeiro olhar, mesmo ficando permanentemente iluminada.

f) Paisagem com várias marcas linguísticas contáveis num certo período

A certas paisagens, durante determinados períodos, havendo já uma marca linguística, são adicionadas indicações verbais que são facilmente contáveis, ocorrendo ali num tempo bem determinado, por vezes, bem longo. Por exemplo, os avisos escritos de desvios em estradas em obras, com placas informativas sobre o género de obra que está a ser levado a cabo e o preço que custará, indicando ainda a empresa que a executa, além de haver outros dados textuais informativos ou propagandistas. Quando a obra está finalizada (tendo durado meses ou anos), desaparecem aquelas marcas linguísticas, contáveis e fixas durante um período considerável, que caracterizaram a paisagem física naquele determinado momento, podendo ficar alguma informação escrita, além da que está inicialmente. Este tipo de paisagem é diferente do que se descreveu em b) porque as marcas linguísticas (algumas delas) ficam na paisagem, incrustando-se nela para a moldar.

g) Paisagem integralmente linguística: a descrição paisagística

Completamente distinta das anteriores, refere-se o que se tem como “a real paisagem linguística”. É aquela que comporta, exclusivamente, linguagem verbal porque a paisagem, ou melhor, a sua representação, é toda ela constituída por signos linguísticos, que dão a ver o cenário construído, necessitando de ser lido. Aqui, não se lê na paisagem porque se lê a paisagem, ou melhor, a sua descrição. Logo, e lembrando, por exemplo, romances de qualquer escritor (como *Eça de Queirós*), as descrições de paisagens podem ser inventadas (territórios irrealis, imaginários ou fantasiosos) ou remeter para cenários existentes (territórios reais). Também pode suceder que sejam reconstruções à medida do descritor (cf. Anexos 1 e 2), espontâneas ou planificadas, orais ou escritas, publicitárias ou não. São meras descrições linguísticas. Embora se considerem as descrições paisagísticas como as

autênticas paisagens linguísticas, elas não costumam entrar no conceito de “paisagem linguística” em uso porque o habitual é considerar um determinado cenário, extralinguístico, onde se vislumbra linguagem verbal: a paisagem com linguagem verbal.

4. Considerações finais

A paisagem em si é, genericamente, não linguística e transforma-se, ou seja, é transformada pelo ser humano, em paisagem linguística, quando (ou se) é assinalada por uma ou várias marcas, que são contáveis ou incontáveis, sendo permanentes ou esporádicas (com menor ou maior duração temporal). Essas são paisagens com linguagem verbal e, por isso, linguísticas. Porém, a verdadeira paisagem linguística é aquela que é escrita, representada num texto, tornando-se descrição paisagística: quem escreve constrói a paisagem e quem lê visiona-a interiormente, reconstruindo-a através das palavras lidas. Porém, estas paisagens escritas/ lidas não costumam entrar no conceito de “paisagem linguística”.

Esta expressão tem remetido para a paisagem física com elementos linguísticos que marcam ou caracterizam a paisagem. Podem ser de diversa ordem. O mais comum é a toponímia, como a de placas toponímicas às entradas ou saídas das cidades (Bem-vindos a x! Obrigado por nos ter visitado! Até uma próxima!). A sinalética (do símbolo ao signo linguístico), nomeadamente na paisagem da autoestrada com tabuletas a indicarem os preços da gasolina e do gasóleo ou a facultar outras informações como monumentos a visitar nas proximidades, etc.). As campanhas publicitárias com “néons”, letreiros, painéis publicitários, incluindo nas paragens dos autocarros, etc. e as propagandísticas, sobretudo nas alturas das campanhas eleitorais, mas, igualmente, aquando das festas religiosas ou profanas locais, assim como das feiras gastronómicas, agrícolas, etc. Os “grafitti” também são um motivo interessante que pode conter unicamente desenho ou palavra (cf. Fotografia Graffiti), assim como combinar ambos. Por exemplo, os

estudos linguísticos de Moutinho & Coimbra (ex.: 1998) sobre os nomes das lojas evidenciam a importância da escolha do nome do estabelecimento que aparece na paisagem urbana.

Os motivos linguísticos – as marcas que se evidenciam – são, como se pode comprovar, diversificados, embora todos eles sejam signos linguísticos que transformam uma paisagem física qualquer numa paisagem (com marca) linguística. Ao olhar para ela, destacam-se palavras que precisam de ser lidas e decodificadas, caracterizando o cenário que envolve a pessoa que vê, olha, contempla, observa o lugar que surge à sua frente. A paisagem é não linguística, mas pode vir a ser linguística, requerendo por parte da pessoa que está à sua frente ver (o cenário) e ler (o que alguém escreveu). Portanto, as únicas reais paisagens linguísticas estão em textos e podem ser reconhecidas como património. As paisagens literárias (ex.: as de Raul Brandão que se mencionaram, mas também as de outros escritores, nomeadamente as de Eça de Queirós, referido *supra*) são um exemplo paradigmático disso mesmo. As paisagens perduram enquanto património no texto descritivo que as conserva, pela língua, imutavelmente, de geração em geração como qualquer outro bem patrimonial.

Referências

BACKHAUS, Peter. **Linguistic landscapes**: a comparative study of urban multilingualism in Tokyo. Clevedon-Buffalo-Toronto: Multilingual Matters Ltd, 2006.

BLOMMAERT, Jan. **Ethnography, super-diversity and linguistic landscapes**. Disponível em: <https://www.academia.edu>. Acesso em: 20 mai. 2020.

BRANDÃO, Raul. “**Visão da Madeira**”, ilhas desconhecidas: notas e paisagens. Lisboa: Quetzal, 2011, p. 179-199.

CLEMENTE, Mariana. E se a paisagem nos contasse histórias? Uma nova perspetiva da cidade de Aveiro. **Diário de Aveiro**. (H)À Educação, CIDTFF, p. 11, 17 mai. 2019.

CLEMENTE, Mariana. **Paisagem linguística urbana: o caso de Aveiro e sua relevância educativa**. Aveiro: Universidade de Aveiro, Tese de Doutoramento, 2017. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10773/22801>. Acesso em: 20 Maio. 2020.

COULMAS, Florian. Linguistic Landscaping and the seed of the public sphere. In: SHOHAMY, E.; GORTER, D. (Org.). **Linguistic landscape: expanding the scenery**. New York: Routledge, 2009, p. 13-14.

GORTER, Durk. **Linguistic landscapes in a multilingual world**. Cambridge: University Press, 2013.

LANDRY, R. & BOURHIS, R.Y. Linguistic landscape and ethnolinguistic vitality: a empirical study. **Journal of Language and Social Psychology**, p. 457-463, 1997.

MOUTINHO, L. C. & COIMBRA, R. L. VEJAKY. Sobre desvios linguísticos nos nomes das lojas. **Revista da Universidade de Aveiro/Letras**. Aveiro: Universidade de Aveiro, n. 14, p. 127-141, 1998.

MOUTINHO, L. C. & COIMBRA, R. L. O Nome é a alma do negócio: estudo linguístico dos nomes das lojas em Portugal. In: **Actas do XIII Encontro da Associação Portuguesa de Linguística**. Lisboa: Colibri, v. II, 1998, p. 93-104.

REBELO, Helena. Património Linguístico, Paisagem e Cultura: abordagem à Linguagem do Escritor-Turista Raul Brandão para uma Descrição Histórica da Ilha da Madeira. In: PORTIGLIATTI, Bruno et al. (Org.). **T&H, Turismo & Hotelaria no Contexto da História**. João Pessoa: Universidade Federal da Paraíba, Centro de Comunicação, Turismo e Artes, Editora CCTA, 2020, p. 288-313.

REBELO, Helena. Paisagens Turísticas da Ilha da Madeira como Construções Linguísticas: Bens Patrimoniais Comunitários? In: **Estudos de Paisagem vol. II**, Instituto de História Contemporânea da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, Lisboa: IHC-FCSH, p. 160-177, 2017.

REBELO, Helena. Património Linguístico Madeirense: Alguns Aspectos Lexicais, Fonéticos, Morfológicos e Sintáticos. In: MARCOS, Ángel (Ed.). **Língua Portuguesa, Estudos Lingüísticos** Salamanca: Ediciones Universidad de Salamanca, v. II, DIOS, 2014, p. 627-647

TEIS, Denize Terezinha, SEIDE, Márcia Sipavicius e LUCAS, Patricia. Os topônimos na Paisagem Linguística da Av. Zelina, em São Paulo: um Encontro na Interdisciplinaridade. **Revista do GELNE**, v. 20, número 2, p. 16-29, 2018.

ANEXOS

Anexo 1 – Transcrição da descrição paisagística de um adulto (64 anos).

“**Vejo** na ponta da baía um rochedo negro, mas à volta deste negro há espuma... espuma branca devido ao vento e à ondulação que não está muito forte, hoje, mas que se denota que talvez vá dar mais vento e mais mar revolto. Indo para dentro deste ilhéu, que eu estou a falar, que fica na extremidade sul, há ali um cais... que é penso eu... que deve ser um cais de pesca. Deserto, não há barcos, só **vejo** um barco a meio da baía isolado, talvez à espera do bom tempo para ir à faina da pesca. Todos os restantes barcos de pesca, tão característicos desta localidade, estão todos em terra, no ancoradouro. E é bonito de se **ver** as cores, o azul... sobretudo é o azul que me atrai e que me chama a atenção, talvez ligado à cor do mar... à cor do mar... à cor: o azul tão bonito... tão predominante desta... destas paragens. E **vejo** também que há palmeiras. É um sinal... é também... é já também característico (eh) as palmeiras aqui em Câmara de Lobos, talvez por ser uma árvore exótica e bonita de se **ver** [?]. **Vejo** pouca gente. **Vejo** ruas quase desertas (eh), talvez por ser cedo, ainda hoje também é domingo (eh). As pessoas também levantam-se mais tarde e é natural que a cidade ainda não apresenta aquela movimentação tão característica da... da... do..., de ir ao trabalho, de ir ao café, etc. etc. Indo um bocadinho mais para o lado direito, **vejo** um grande aglomerado de casas, muitas casas, muitas casas, umas quase... umas em cima das outras. Praticamente não há espaço. **Não vejo** jardins. **Vejo**, sim, telhados, muitas janelas, a cor das casas é tipicamente a cor das casas madeirenses, ou seja, o branco. A cor do telhado é cor de telhado (eh). É um laranja. Não sei se é bem laranja, mas é uma cor como nós dizemos... é cor de telhado. Muitas janelas, todas... a maior parte delas são verdes, persianas verdes, a maior parte destas persianas fechadas. Portanto, talvez por ser de manhã. Embora haja casas de cor bege, mas são poucas. **Vejo** ali uma com um muro roxo, que chama a atenção porque de facto não está de acordo com a predominância da cor destas casas... das paredes das casas. Mas de qualquer maneira, este aglomerado lembra-me um presépio, um presépio porque as casas não está no mesmo plano. Elas vão subindo, subindo, subindo até ao antigo ilhéu que agora é um jardim todo relvado. A cor predominante é o verde, com palmeiras. **Vejo**, ali, um círculo que eu não sei bem para que é, mas deve ser qualquer coisa importante para aqui. E descendo **vejo** rocha... uma rocha enorme, escarpada, com algum verde. Penso que deve ser plantas pequenas. **Vejo** também ali um tipo degraus, com ervas secas. Descendo, **vejo** casas no centro, já praticamente na estrada. **Vejo** agora passar um carro. Esse carro está a passar agora, precisamente ao lado da igreja matriz de Câmara de Lobos. A igreja, é um edifício bonito, simples, com uma torre branca:

tipo o cimo é uma pirâmide e por detrás da torre novamente o mar. Penso que por baixo... Ao lado da igreja ou por baixo da igreja deve de haver uma praia porque **vejo** espuma, **vejo** ondas e **vejo** espuma. É sinal que há ali costa; e a costa ali deve ser uma praia de calhau certamente, também tão característico aqui da Madeira.”

Anexo 2 – Transcrição da descrição paisagística da criança (11 anos)

“No Pico da Torre, conseguimos **ver**, ali em baixo, umas casas. A maioria delas o telhado é vermelho. Mais ao longe, também consigo **ver** o ilhéu. O mar está um pouco agitado. **Vemos** barcos na baía de Câmara de Lobos. **Vejo** uma vegetação de campos agrícolas e bananeiras. Também **vejo** umas obras ali ao fundo, a igreja, umas decorações ao pé de um telhado. **Vejo** a estrada e o caminho que vai dar ao Pico da Torre. **Vejo** a Praia do Vigário. Mais ao longe, **vejo** umas rochas, onde tem mais uma praia e um caminho que vai dar ao Funchal. Os barcos, a maioria deles, é azul, alguns vermelhos, verdes e só tem um barco no mar. **Vejo** muitos carros brancos. **Vejo** táxis e o estacionamento. **Vejo** uma fazenda; parece estar bem cuidada. Um lugar onde os senhores sentam-se e jogam às cartas. O mar, ao pé das rochas, de vez em quando salta. Mais.... **Vejo** também cafês. Deixa me **ver** [?] mais... As janelas, também consigo **ver**, verdes. **Vejo** a praça com pessoas, não muitas, e **vejo** muitas palmeiras. Ali ao fundo, ao pé da igreja, **vejo** um coreto, onde se pode jogar à bola e fazer jogos. Aqui em cima, está a começar a chover. Também conseguimos sentir o vento que se faz soprar com muita força. Aqui em baixo, **vê**-se uma praça cheia de casas, amarelas, brancas e também mais uma obra que deve estar quase a acabar.”